O DIÁRIO de Teresópolis

...DAS, ANO XXVII - Nº 5899 - QUARTA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2015 - ESTE EXEMPLAR: R$ 1,20

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

* Economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

A inflação dos petiscos

Quem acompanha a coluna já espera encontrar um artigo que relacione economia e questões do dia-a-dia. Nesta semana minha inspiração é, na verdade, uma homenagem. Uma homenagem a uma pessoa que teve uma vida pautada pela paciência e serenidade e por quem eu tenho um grande carinho. Sendo assim, vamos avaliar o comportamento do último mês da inflação de Teresópolis, com especial atenção para o aumento de preços dos petiscos.

Pela apuração do IPC-FESO (Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis) de abril, nosso município passou por uma elevação mensal de 5,4% nos seus preços. Tal comportamento, provavelmente, deveu-se à instabilidade econômica. O item com maior acréscimo do mês foi o tomate, que em março custava em média R$ 3,33/Kg, e em abril chegou a uma média de R$ 5,82/Kg, uma alteração de pouco mais de 75%.

Outro indicador que também é apurado pelos alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO é o IPC/CB-FESO, que representa a variação da cesta básica. Neste caso, a cesta básica também apresentou significativa elevação de 7,7%, após a ligeira queda do mês anterior. Os principais "vilões" do último mês foram o tomate e o café. O valor da cesta atingiu seu pico histórico, chegando a custar R$ 357,64.

Mas e os petiscos? Prestando a minha homenagem, vou escolher como petisco a ser avaliado a esfirra. Ou será esfiha? Não importa. Esse pequeno salgado, na verdade uma pequena torta assada originária da Síria e do Líbano, precisa, para a sua massa, de farinha, leite, açúcar, sal e óleo, entre outras coisinhas. Não sou bem uma especialista em cozinha, mas o Sr. Google me deu uma mãozinha para descobrir os ingredientes. Voltando ao ponto, de acordo com a última medição dos preços de Teresópolis, entre março e abril preparar uma receita de esfirra aumentou 7,4%. Este valor é bem parecido com a alteração verificada na cesta básica, talvez porque o salgado seja bastante democrático e quase todos os seus ingredientes estejam listados na cesta estabelecida pelo governo.

Se tudo continuar neste ritmo, o preço dessa receita crescerá quase 140% nos próximos 12 meses. Então, seguindo a linha dos meus últimos artigos, mais uma vez fica constatado que o momento é de cautela. Não é hora de fazer dívidas e nem de comprometer nossa renda futura. O ideal é esperar e torcer para que nossos fundamentos econômicos melhorem. Enquanto isso não acontece, só me resta o conforto de que o Seu Nassif deve estar, nesse momento, encontrando sua Jamile. Que os anjos digam amém!

O DIÁRIO de Teresópolis

ANO XXVII - Nº 5925 - QUINTA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 2015 - ESTE EXEMPLAR: R$ 1,20

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

* Economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Preços e Expectativas

Outro dia um amigo me perguntou o motivo de a inflação não estar dando sinais de que está caindo. Ele é uma pessoa muito inteligente, mestrando em economia e, como qualquer ser humano que é apresentado aos fundamentos de economia, não entende como os preços continuam a subir. Hoje espero ajudar a ele e aos meus leitores a entender o que acontece.

Quando aprendemos macroeconomia descobrimos que os preços representam um equilíbrio entre oferta e demanda. Quanto maior a oferta, mantida uma certa demanda, menor o preço de equilíbrio. Diz-se, neste caso, que o preço responde negativamente a aumentos da oferta. Em relação à demanda, por sua vez, os preços respondem positivamente a acréscimos: quanto maior a demanda, dada uma certa produção, maior será o preço. É uma questão de procura e oferta: já reparou que, no final da feira (a famosa xepa), os preços tendem a cair? É que a demanda é relativamente baixa e os feirantes preferem vender tudo por um preço menor a voltar para casa com alimentos perecíveis.

Bom, a dúvida do meu amigo (e talvez a sua também) é a seguinte: se as pessoas pisaram no freio do consumo (isso é fato, o consumo diminuiu bastante desde o Natal), porque então os preços (especialmente dos alimentos) ainda não parecem estar respondendo com uma queda? O primeiro passo para responder a esta pergunta é verificar se, de fato, os preços não estão caindo; uma pista é olhar seu comportamento. A inflação medida pelo IPC-FESO (Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis), no mês de julho de 2015 apresentou um acréscimo de 3,11%, sendo o presunto o item com maior acréscimo do mês (seu quilo chegou a R$ 23,85 em um dos pontos de coleta de preços). O tomate, vilão do primeiro semestre, voltou a sofrer elevação em relação a junho, mas seu custo de R$ 3,86/Kg é praticamente a metade do apurado em maio. Outro indicador é o preço da cesta básica. Medida em Teresópolis através do IPC/CB-FESO, atualmente custa pouco mais de R$ 350,00 e, apesar de apresentar queda em relação a junho, sua variação acumulada em 2015 já é de 8,0%. Conclusão: os preços, de fato, continuam subindo, apesar da suavização da atividade produtiva, da queda na demanda e de uma resposta mais cautelosa da população em relação aos seus gastos. Então será que estamos vivendo uma situação que contradiz os fundamentos da economia?

A resposta é "não". O que está acontecendo é que pensar que os preços são resultado apenas do encontro de oferta e demanda é simplório. Os preços, já se sabe desde a década de 60, também são resultado do que nós economistas chamamos de "expectativas racionais". Sei que buscar explicações no site 'Wikipedia' não é o mais indicado, mas neste caso o autor do artigo sobre o assunto foi bastante feliz: "Se baseia na hipótese de que os agentes econômicos utilizam toda a informação disponível sobre o atual comportamento e as previsões para o futuro da economia. Com base na experiência e nessas informações, os agentes antecipam de forma racional as atitudes e políticas futuras do governo, reagindo no presente em consonância com as expectativas formadas e anulando em algum grau a efetividade dessas políticas".

Sendo assim, de acordo com a minha opinião, meu caro amigo, é que os preços atuais refletem uma incerteza com relação ao futuro. São um espelho, uma antecipação do que os empresários estão antevendo. Enquanto a sociedade não enxergar uma possível melhora no futuro, tudo continuará desta forma. Então, mais uma vez, reforço o conselho dos últimos meses: cautela, cautela e, por fim, um pouquinho mais de cautela!

O DIÁRIO de Teresópolis

Ano XXVII - Nº 5939 - Quarta-Feira, 26 de Agosto de 2015 - Este Exemplar: R$ 1,

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

* Economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Parabéns a você!

Hoje minha inspiração é a minha própria vida. Há exatamente 90 anos a bisavó paterna dos meus filhos nascia. E, coincidência ou não, hoje também comemoro bodas de cristal. Em tempos onde casais batem recordes de quantidade de casamentos, ficar por 15 anos casada com a mesma pessoa, acredito eu, é motivo de comemoração! Bom, dadas estas homenagens, tive a ideia de verificar a quantas anda a inflação para quem compra ou vende bolos. E como a vida sempre me ajuda a definir exatamente o foco da ocasião, neste exato momento estou assistindo a um programa de culinária onde a competição final trata da elaboração de cupcakes. Pronto, definido! Nesta semana vou estudar como o preço destes bolinhos se comportou nos últimos meses.

Acompanhar o preço desse doce pode parecer bobagem, detalhe, mas não é verdade. Em nossa cidade há muitas pessoas que complementam sua renda com a venda de bolinhos, então saber corrigir seu preço é de extrema importância para garantir a sustentabilidade do seu negócio. Recentemente uma pesquisa da FGV (Fundação Getúlio Vargas) estimou em mais de 20% a participação no PIB (Produto Interno Bruto) dos pequenos e médios empresários. Achar que uma investigação como essa não tem importância é, no mínimo, ingenuidade.

Antes de avaliar a evolução dos preços, uma curiosidade: você sabe o motivo do nome deste bolo? Segundo o site 'Receita de Cupcake', trata-se de "um bolinho de origem inglesa, seu nome original é fairy cake, em português bolo de fada. Entretanto, depois de se tornar famoso nos Estados Unidos ganhou o nome de cupcake (bolo de xícara), pois sua receita é feita usando xícaras como medida." No programa que estou assistindo, desconhecer esta história fez as concorrentes ao prêmio perderem uma possível vantagem. Vivendo e aprendendo...

Para avaliar seu preço preciso, então, de uma receita como base. Vou usar a receita da mesma página citada anteriormente: 1 colher (sopa) de baunilha – 12 ml; 1 colher (sopa) de fermento em pó - 12g; 220 ml de leite; 4 ovos; 350 gramas de açúcar refinado; 220 gramas de margarina sem sal em temperatura ambiente; 350 gramas de farinha de trigo peneirada; 2 gramas de sal. Depois, vou recorrer aos preços coletados pelo IPC-FESO, o índice de preços ao consumidor de Teresópolis, para calcular o custo médio desta receita em agosto de 2014: R$ 8,67. E vou comparar com os preços coletados no último mês (julho/2015): R$ 9,48. Esta alteração corresponde a um acréscimo médio de 9,34% em 11 meses, cerca de 10,2% em 1 ano. E isto considerando apenas os ingredientes, sem levar em conta a energia elétrica e o gás que gastamos para cozinhar.

Este é um exemplo prático que explica porque percebemos que os indicadores oficiais nunca correspondem à nossa realidade. De acordo com o indicador de inflação oficial do governo, o IPCA, até julho deste ano, a inflação acumulada em 12 meses foi de 9,56%, valor bem próximo ao que encontramos para o acréscimo dos últimos 11 meses do nosso cupcake. Ou seja, parece pouco, mas corresponde à variação de cerca de um mês, que é desconsiderada dos cálculos oficiais (no caso do doce em questão).

E, cantando parabéns para mim e para a bisa das crianças, fico eu aqui pensando em como seria a minha vida se fosse possível apagar um mês de gastos do meu ano: o que seria possível fazer se eu eliminasse um mês de desembolsos com escola, plano de saúde, alimentação e moradia? Eu certamente teria uma boa sobra para um presente mais caro!

O DIÁRIO de Teresópolis

ANO XXVII - Nº 5959 - QUARTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2015 - ESTE EXEMPLAR: R$ 1,

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

Roberta Montello Amaral*

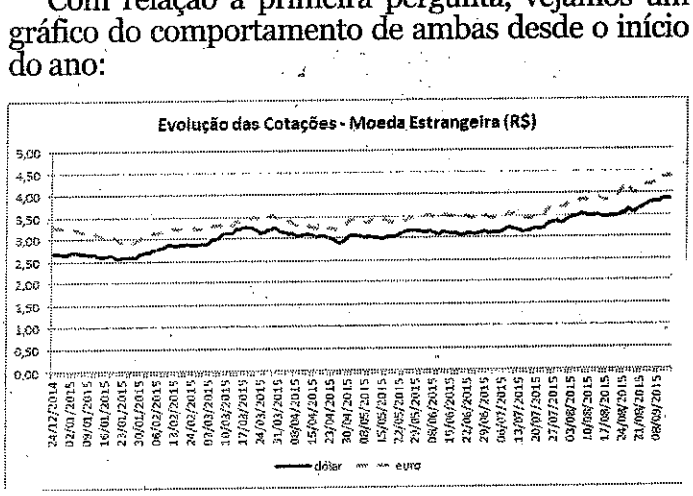
* Economista, doutora em Engenharia de Produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO
E-mail: ramaral@unifeso.edu.br

Dólar ou euro, eis a questão!

Desde o início do mês estamos ouvindo muito sobre economia. As principais notícias tratam do reconhecimento de um déficit fiscal do Governo Federal aliado a um rebaixamento da nota do Brasil. Mas, na prática, o que isso significa?

Um dos principais efeitos de curto prazo é uma redução da economia e um aumento da incerteza, o que gera efeitos imediatos sobre as taxas de câmbio. As principais taxas de câmbio que acompanhamos costumam ser o dólar americano e o euro. Quem tem ou terá gastos nestas moedas tem percebido uma elevação bastante relevante das duas. Mas será ocorreram na mesma magnitude? E será que o aumento está dentro do esperado? Vamos por partes.

Com relação à primeira pergunta, vejamos um gráfico do comportamento de ambas desde o início do ano:



O que se pode perceber é que o dólar teve um elevação superior à elevação do euro. E o que iss quer dizer? Quer dizer que, em algum momento estas moedas vão precisar voltar à sua relação d equilíbrio. Deste modo, como não há nenhum motiv que justifique uma queda no dólar (pelo menos nã no curto prazo), então é bastante razoável que o eur suba mais do que o dólar nos próximos meses. Se dólar ficar constante, para restaurar o equilíbrio moeda europeia precisaria subir mais 5,4%, alcan çando uma cotação média de compra de R$ 4,33. O seja, se você quiser comprar euro, recomendo qu garanta a cotação atual ou reze para o dólar cair.

Mas será que estamos vendo apenas um mov mento de ajustes por conta do aumento da inflação Pela apuração no ano do IPC-FESO a inflação em Teresópolis, medida pela pesquisa realizada pelo alunos dos cursos de Administração e Ciência Contábeis do UNIFESO, o dólar deveria ter subido em 2015, cerca de 5%. Se considerarmos a inflaçã oficial do governo, medida pelo IPCA, essa elevaçã deveria ter sido de 7%. Mas, pasmem, a moed estrangeira de maior procura no país aumento mais de 32%! E isso considerando a última data par a qual temos a inflação apurada. Se aumentarmo nosso intervalo até a última cotação oficial divulgad até o dia em que escrevi este artigo (14/09/2015 o incremento foi de quase 45%!

E o que você tem a ver com isso? Tem a ver com o fato de que vai pagar mais caro por produto importados (por exemplo, computadores) e que va precisar reprogramar suas férias. Viagens ao exte rior estão proibidas a não ser que sejam indispensá veis ou que você tenha uma boa fonte de renda par suportar o aumento dos custos que vai ter. Assim buscando um comportamento prudente, adie a com pra de importados e programe suas férias dentro d próprio Brasil. Pelo menos nestes quesitos vale ma pagar pelos aumentos da inflação do que pelos au mentos da incerteza. E viva o nordeste do Brasil!